

Percursos improváveis: do trabalho infantil na roça à conclusão de cursos seletos na universidade

Andrea Abreu Astigarraga
Maria da Conceição Passeggi

Resumo

A partir de entrevistas narrativas autobiográficas, realizadas com egressos dos cursos de Direito e de Enfermagem, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que vivenciaram a experiência do trabalho infantil na roça, focalizamos o modo como eles percebem suas relações com seus pais e com o trabalho na infância como aspectos fundantes de suas trajetórias. As noções foucaultianas de governo do outro (objetivação) e de governo de si (subjetivação), articuladas dialeticamente, nos ajudam a analisar os modos de fazer para superar adversidades e preconceitos culturais, étnicos e sociais, como táticas que lhes permitiram ingressar, permanecer e concluir com êxito cursos universitários de prestígio.

Palavras-chave: trabalho infantil na roça; governo familiar e de si; entrevistas narrativas

Introdução

Para Bauman (2009) a *vida líquida* e a *modernidade líquida* estão intimamente ligadas. A vida líquida é uma forma de vida que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna. “*Líquido-moderna* é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (Idem, p.07). Evidencia-se que, “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (Idem, p.08). Ele afirma que “qualquer valor só é um valor graças à perda de outros valores” (1998, p.10). Portanto, em uma sociedade considerada *líquida*, o que daria solidez à formação de quatro jovens que romperam com os padrões das pessoas oriundas do campo e descrevem um percurso de vida considerado improvável e exitoso, em carreiras consideradas elitizadas?

Nos estudos que realizamos uma das inquietações que estiveram presentes foi a constituição de valores intersubjetivos e intergeracionais no contexto da família rural. O nosso interesse nessa pesquisa surgiu diante da constatação de que havia pouco conhecimento, no âmbito universitário, sobre os percursos de formação pessoal, intelectual e profissional dos acadêmicos oriundos da zona rural e com experiência de trabalho infantil. Que percursos foram construídos da experiência do trabalho infantil na roça às carreiras seletivas da universidade? No contexto do semi-árido da zona norte do estado do Ceará, diante das precárias condições sócio-econômicas e da ausência de políticas públicas de democratização do Ensino Superior, que fatores contribuíram para superar o improvável sucesso pessoal e acadêmico? Ao analisar as entrevistas narrativas dos quatro participantes da pesquisa, percebemos o modo como eles enfatizam na sua infância as relações intergeracionais e o poder disciplinar, engendradas no contexto do trabalho rural.

Metodologia

Para conhecer melhor o corpo discente da UVA proveniente das camadas populares, nos apropriamos da abordagem (auto) biográfica e entrevistas narrativas.

Para Passeggi (2010), a pesquisa (auto) biográfica em Educação toma como objeto de estudo as fontes biográfica e autobiográficas, considerando-as como método de pesquisa, práticas de formação e modos de narrar a experiência vivida. Nessas diferentes direções, o humano é colocado no centro da investigação-formação, acreditando-se nele e em suas potencialidades reflexivas de se voltar para si mesmo como sujeito de sua história. Os estudos propõem-se a examinar os modos como os indivíduos dão forma à experiência vivida, no processo permanente de construção de sua história pessoal e da história social, focalizando a interação dialética entre o espaço social (público) e espaço pessoal (privado). Para realizar tal investimento, explora-se o entrelaçamento entre linguagem, pensamento e práxis social.

A análise de narrativas está diretamente associada a um tipo específico de entrevista, também desenvolvido por Schütze e denominado como *entrevista narrativa* (WELLER, Idem, Ibidem). A entrevista narrativa não foi criada com o intuito de reconstruir a história de vida do informante em sua especificidade, mas de compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia (WELLER, Idem, p.06).

Uma vez transcritas as entrevistas, procedemos à identificação dos dados indexados e não indexados, com o objetivo de repertoriar as estruturas processuais do curso da vida, tais como: “etapas da vida arraigadas institucionalmente; situações culminantes; entrelaçamento de eventos sofridos; pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; assim como desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas”. (SCHÜTZE, 1983, WELLER, 2010, p.07). Para tanto, fizemos um quadro com três colunas. O texto das narrativas foi colocado no centro e à medida que identificávamos o material indexado (“quem fez o que, quando, onde e por quê”) íamos colocando-o na coluna à esquerda e os enunciados descritivos e argumentativos que expressavam os sentimentos, valores e opiniões relacionados ao modo como os entrevistados percebiam os acontecimentos experienciados (material não indexado) fomos distribuindo os enunciados na coluna à direita, tal como representado no quadro abaixo.

Material indexado	Entrevista	Material não indexado
[Nasci] Em um sítio, no interior de São Benedito, na zona rural, somos em 8 filhos. [A]cidade ficava há 13 quilômetros do sítio[...] tínhamos que ir para a cidade de qualquer	P: Como foi sua trajetória de vida até chegar à universidade, onde você nasceu, em que cidade? M: Em um sítio, no interior de São Benedito, na zona rural, somos em 8 filhos, desde o início dos estudos foi	...desde o início dos estudos foi complicado porque a gente

forma, de bicicleta, a pé ou de qualquer tipo...	complicado porque a gente tinha que estudar na cidade que ficava há 13 quilômetros do sítio, não tinha transporte para a gente ir e tínhamos que ir para a cidade de qualquer forma, de bicicleta, a pé ou de qualquer tipo...Meu pai é agricultor, minha mãe é dona de casa e ele teve uma influência muito grande na nossa formação porque ele sempre quis que a gente estudasse. Diferente de outras pessoas de lá...	tinha que estudar na cidade. ...[o pai] teve uma influência muito grande na nossa formação porque ele sempre quis que a gente estudasse. Diferente de outras pessoas de lá..
--	--	--

Quadro 01: Identificação do material indexado e material não indexado

O material indexado, referente a fatos cronológicos da narrativa (acontecimentos, personagens, crises...) nos permitiu reconstruir a “trajetória” de cada participante da pesquisa, as quais sintetizamos a seguir a partir de um recorte com ênfase nos aspectos que mais interessam aos nossos propósitos.

Resultados e discussão: Governo familiar e governo de si

A prática do trabalho no campo foi adquirida por todos os participantes com o pai para, geralmente um homem muito durão que também aprendeu a lidar com a terra com o pai. A disciplina da rotina diária na roça, sempre era associada a sacrifícios físicos e intelectuais. Tanto Mário quanto Gabriel carregavam feixes de capim nos ombros e se queixam do sol por serem brancos por machucarem o ombro. A figura das mães e dos pais apresenta-se como complementares, “como se fossem o côncavo e o convexo de um mesmo objeto”, nos diz Maria. Declara que o seu pai, apesar de ser meio rude, nunca foi agressivo, mas, exigia disciplina dos filhos: “Eu lembro que eu apanhei do meu pai uma vez porque eu o desrespeitei”.

Ele lembra que: “uma das coisas que mais me incentivou a lutar, a estudar foi isso eu não queria morrer no sol quente, trabalhando e me matando, meu pai sempre dizia: ‘Meu filho, você escolhe: ou a enxada ou a caneta’”. Acho que dava certo ficar com as duas, mas ele disse que um dia eu ia ter que escolher. Seu pai ia para Crateús, que é bem distante do seu município, viajava de moto, para fazer negócios e chegava no dia do seu aniversário e sempre lhe trazia uma inchada.

Da sua mãe, guarda a fibra, o caráter, os princípios morais, a sensibilidade, a delicadeza, a afetividade, os cuidados com as tarefas da escola, o despreendimento com o salário recebido para suprir as necessidades escolares do filho.

Gabriel lembra que, em 1988, com oito anos de idade, começou a trabalhar na roça devido a uma briga de criança que teve com um primo que morava com a família dele. Alega que foi o castigo recebido pela mãe para ela não ouvir “zuada” dentro de casa. Essa foi sua rotina dos oito aos quinze anos de idade. Assim como Mário, diz que: “Eu era muito branco e o sol me fazia muito mal”.

Como iniciou o trabalho na roça muito precocemente, quando não estava trabalhando, ficava em casa, à noite, dormia cedo – em torno das dezenove horas e acordava no outro dia às seis da manhã. “Meu pai dava uma escolha: ou ia para a escola ou ia para a roça”. Meus irmãos iam para a roça, eu preferia ir pra escola. Faz a diferença na relação de trabalho entre ele e seu pai e os demais trabalhadores rurais: “Eu trabalhava na roça, mas ela era minha, da minha família, eu não era diarista, papai era muito maleável, apesar da gente morar no interior não era tão “castigante”, ia trabalhar manhã e tarde”.

Amauri é filho de pais semi-analfabetos, a mãe doméstica e pai o pequeno comerciante. Aos onze anos de idade, mudou com a família para Massapê. Nos período de instabilidade ou falta de renda familiar, os filhos trabalhava para ajudar: “porque meu pai era doente, então ele via na gente a possibilidade de sobrevivência. Trabalhar era uma obrigação”. Amauri trabalhava com vendas de hortifrutigranjeiros e classifica como trabalho precário: “Se me perguntassem se eu queria trabalhar ou brincar é claro que eu queria ficar com os colegas brincando, mas desde cedo, era tão incutido na gente que o trabalho era necessário que eu me acostumei desde cedo a fazê-lo”. Quando descreve o perfil de seus pais, Amauri conta que:

Meu pai é um homem inteligente que não sabe ler, mas sabe pensar. Eu diria que eu estou hoje aqui por uma ousadia dele, se ele não estivesse pensado eu acho que hoje eu estaria plantando roçado, ou na fábrica de calçados do município. O meu pai me transmitiu como valores a ideia de que o homem se faz pelo trabalho, com prudência e cautela. Meu pai tem 70 anos, acorda seis hortas da manhã e fecha o comércio as dez da noite e diz que a coisa mais prazerosa da vida é fazer isso. É ele é um vencedor da vida. Minha mãe também igual a ele, uma sertaneja de fibra também, de honestidade, de exemplos para nós, um filho que não quiser fazer nada de errado é só lembrar o exemplo deles. Não sei de onde uma pessoa trás tantos valores sem ter sido educado para aquilo ali, sem freqüentar escola, mas que tem valores mesmo. Minha mãe nunca teve atividade remunerada e ela faleceu e deixou dinheiro guardado.

Quando analisa a cultura local sobre trabalho infantil e estudo, Amauri descreve seus pais como pessoas visionárias porque quiseram que os filhos estudassem e romperam com os costumes.

Ninguém colocava o filho para estudar, os pais colocavam para trabalhar, isso no distrito, na sede já era diferente, mas no início os pais levavam os filhos para o roçado para trabalhar e a educação ficava em segundo plano, não tinha quem botasse o filho para estudar, se o filho tivesse força física tinha que trabalhar, era vagabundo. Meu pai não. Então, para a realidade do meu pai ter um filho estudando era coisa para doido, para rico, não era o que qualquer um poderia ter, tanto é que meus contemporâneos poucos estudaram, poucos fizeram faculdade, a maioria não concluiu o Ensino Médio.

Governo de si

Em suas lembranças da infância, Mário lembra que brincava com seus colegas de “salve latrinha”. As crianças pegavam uma lata de óleo, botavam no meio da rua e, como tinha mato para todos os lados, eles se infiltravam nele e alguém ficava vigiando a lata e depois alguém tinha que chutá-la. Uma criança vigiava a lata e, ao mesmo tempo, procurava as outras que estavam escondidas no mato. Mário disse que tinha medo de ter cobra no mato, mas, mesmo assim, brincava. Empolgado, Marcos diz que a brincadeira de esconde-esconde no interior é fantástica. É diferente da cidade grande onde as pessoas se escondem atrás da geladeira, do armário. No interior,

as pessoas se escondem no mato, sobem nas árvores. E, à noite, ninguém vê ninguém. É muito emocionante. Pela descrição das brincadeiras, percebe-se que é há adaptação ao contexto lúdico onde viviam. Poucas as casas tinham televisão no distrito onde ele morava.

Na sua análise, lembra que desde cedo pensava que tinha que fazer alguma coisa na sua vida, almejava ser independente e ganhar dinheiro. Para atingir esses objetivos, dedicou-se aos estudos e inspirou-se em seu pai: “A gente se empolga, gosta, a gente quer ser o pai da gente, quer fazer o que o pai faz, é muito bom”.

Na minha infância teve momentos que eu sofri muito mesmo. Eu sofria e ficava me perguntando se eu ia mudar de vida, o que eu ia fazer da minha vida, pensava como eu ia poder ajudar os meus pais, dar uma situação melhor para eles. O que eu temia muito era continuar com a vida do meu pai, não conseguisse nada na minha vida, continuasse na roça, isso me angustiava. Com 10-12 anos eu não tinha expectativa de futuro, não sabia o que fazer, eu queria fazer enfermagem, mas não sabia como fazer, não tinha oportunidade, como eu ia morar em Sobral com os meus pais sem condições? Eu não sabia nem o que era vestibular.

Um dos resultados obtidos por Mário foi a conclusão do curso de Enfermagem e a aprovação na seleção da Santa Casa. Custeava as despesas de estudo do seu irmão para retribuir o apoio recebido pelos pais.

Gabriel lembra que nessa época, tinha o sonho de sair da roça. Esse sonho foi o motor de sua trajetória. Ao longo de sua narrativa, ele, além de alimentar esse sonho, irá construindo estratégias para concretizá-lo.

Eu acredito que a gente se faz. Eu penso assim hoje: como é que eu, naquele tempo, com 11 anos pegava um trabalho de homem normal, de um homem adulto? Eu pensava muito em poder mudar, sair da roça. Se meus pais adoecerem, será que a gente vai ter dinheiro pra poder cuidar deles? Eu sempre fui preocupado. Apesar de ser uma criança, eu pensava nisso. E isso me fazia pensar que se eu estudasse ia conseguir, mesmo na roça.

Atualmente Gabriel é graduado em Direito e bancário. Contribui com a renda mensal de sua irmã e paga plano de saúde para seu sobrinho.

A mãe e o pai de Maria foram muito significativos em sua vida, inclusive no seu processo de escolarização. Apesar do pai não ser letrado, era muito exigente com os estudos dos filhos. Ao contrário do pai, a mãe é letrada, estudou até a sexta série e sempre ajudava aos filhos nas dificuldades para realizar as tarefas escolares. Verificamos que Maria compõe um misto entre o caráter forte, decidido do pai, que a impulsiona para seguir em frente na vida e migrar da experiência de trabalho na infância até chegar à universidade. Por outro lado, a emoção ao falar da mãe demonstra que a mulher “silenciosa” que ficava na retaguarda das decisões do pai, era a pessoa que transmitia o outro lado da personalidade: a doçura, a calma.

Um aspecto da formação recebida pelo pai que lhe marcou o caráter foi ter apreendido que tinha que respeitar, não deveria discutir com as pessoas: “Não bata de frente com ninguém”. Essa postura a acompanhou até a universidade. Embora ouvisse conselhos para “ter mais posição”, ela justifica que não conseguia se impor devido à forma como foi criada. Mas, foi tentando superar a educação que recebeu do pai. Posteriormente, refletindo sobre ela, mudou sua postura diante dos

preconceitos sofridos pelos colegas de curso. Durante a seleção para enfermeiros na Santa Casa, em Sobral, Maria contou uma história sobre seu pai para explicar suas expectativas diante do cargo que estava concorrendo:

Eu estava de baixo de uma mangueira, comendo uma manga e meu pai chegou na hora e disse assim: Olha minha filha, essa mangueira eu plantei faz muito tempo, você era bebê ainda quando eu plantei e agora você já está comendo a manga. Vamos plantar ali algumas coisas. Eu disse: pai pelo amor de deus, você acha que eu vou plantar para esperar pra daqui há 10 anos. Ai ele sentou e deu uma lição. Ai as pessoas na hora da seleção de candidatas na Santa Casa me perguntaram quais eram meus planos e eu disse que minhas coisas são a longo prazo, não sou imediatista.

À noite, Amauri tentava brincar para compensar um pouco a vivência no trabalho infantil. Na cidade pequena onde morava, costumava brincar na praça: “aquela coisa bem interiorana” ou brincava em casa, com os amigos, as primas. Enquanto estagiava no Banco do Brasil, Amauri ficou amigo de uma funcionária que também era empresária e depois do estágio no banco ele trabalhou com ela durante um ano e meio. Em 1996, foi aprovado em concurso público para o poder judiciário no estado do Ceará, no tribunal de justiça. Diz que se identificou com a carreira jurídica e prestou vestibular para Direito. Hoje ele é juiz e professor. Fez especialização.

Assim como os outros universitários entrevistados nesta pesquisa, Maria descreve que nos intervalos do trabalho, havia momentos em que criava brinquedos e brincadeiras com seus irmãos:

A gente brincava com algumas coisas da própria roça mesmo, eu tenho um irmão muito criativo, ele fazia uns carrinhos de madeira, umas coisas e eu era a mais velha, brinquei pouco, tinha rio, uma bola talvez, bicicleta não tinha, só quando a gente já estava com 12-13 anos. Era mesmo aquela farra em casa, porque era muito menino, então a gente brincava um com o outro, brigava, o meu pai tinha que vir para impedir.

No final de seu percurso acadêmico, Maria enfrenta preconceitos que em certos momentos são indiretos e em outros são diretos. Quando sua colega pergunta espantadamente como ela conseguiu chegar onde chegou, ou seja, como ela conseguiu concluir um curso seletivo e se inserir no mercado de trabalho antes dos colegas estabelecidos, verifica-se uma admiração velada que na verdade expressa um preconceito na forma da indagação. Maria conta que, pela primeira vez na minha vida conseguiu responder à alguém: “Eu não aceitei. Naquele momento, eu fiquei muito chateada”. Na sua auto-análise, Maria diz:

Hoje, eu olho pra trás e vejo que tudo é possível, as coisas são possíveis, basta a gente acreditar, a gente ter um foco. Atribuo a minha conquista ao incentivo da minha família. Hoje em dia, muitas pessoas não têm esse incentivo. Eu estou feliz, muito feliz porque eu consegui dar a volta por cima, graças a deus! Foi muito difícil...

Com esta fala de Maria, concluímos que o processo de formação recebida de seus pais formou seu caráter, sua personalidade, no contexto de suas experiências.

Considerações finais: *Ou a inchada ou a caneta!*

Analisar aspectos do governo familiar (governo do outro – objetivação) separadamente do governo de si (subjetivação) foi uma atitude didática. Pois, entendemos estes dois aspectos como um processo dialético. Portanto, percebemos aspectos comuns entre o governo familiar e o governo de si descritos nas trajetórias dos universitários.

No governo familiar, verificamos que os pais possuem uma concepção de que trabalho é um processo formativo, uma obrigação para subsistência pessoal e familiar, marcado pela austeridade e disciplina. Neste contexto do trabalho rural, os recursos escassos não possibilitavam acesso a maquinarias e tecnologias. Caracterizando um trabalho eminentemente braçal e cansativo, sob o sol escaldante da região do semi-árido, no norte do Ceará.

O perfil dos quatro pais é muito parecido. É a figura fulcral. Chefe da família, coordenador dos trabalhos na roça, estabelecedor de limites e regras. As mães, como o côncavo e o convexo, sensíveis, carinhosas, mães e alfabetizadoras dos próprios filhos. Esses mesmos pais, atrelados à cultura rural, vivida por eles e pelos seus genitores, mantém o atavismo familiar, mas, por outro lado, projetam para seus filhos uma nova perspectiva de vida. Houve uma ruptura, uma transgressão da “cultura rural” local onde o trabalho na roça estava em primeiro lugar e os estudos, em segundo lugar: Os avós trabalharam na roça e não freqüentaram escola. Os pais trabalharam na roça e freqüentaram os primeiros anos do Ensino Fundamental. Os filhos trabalharam na roça durante a infância, mas sempre freqüentaram a escola e acessaram o Ensino Superior.

Em relação ao governo de si, identificamos que a objetivação realizada pelos pais proporcionou aos filhos assimilação, internalização de práticas disciplinares e valores morais que ficaram presentes ao longo de suas trajetórias. Porém, cada universitário (re) construiu sua vida, como experiência de si, (re) elaborando essas práticas e esses valores.

Todos os universitários respeitam seus pais e suas histórias. Alimentaram o sonho familiar e pessoal de sair do trabalho rural e criaram estratégias para ingressar nas trocas simbólicas da vida urbana e universitária. O motor de seus sonhos foi o estudo. Mário e Gabriel, especialmente, relatam que, desde crianças, se sentiam angustiados e pensavam em mudar de vida. E, concretizada essa transformação, nunca negaram suas raízes e sempre mantiveram seus vínculos familiares e comunitários.

Para finalizar, os quatro universitários descrevem momentos em que viveram a infância que imagina, inventa brinquedos e brincadeiras, ora sozinhos ora com seus irmãos e amigos. Momentos importantes para a construção da subjetividade. A vivência na roça proporcionou aprendizagem predominantemente informal. No entanto, a “sabedoria de vida”, o saber de experiência, proporcionou um repertório de “saberes” para objetivar, educar os filhos rumo à uma trajetória de sucesso. Verificamos isso na frase emblemática do pai de Mário: “Ou a inchada ou a caneta!”.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto) biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Fátima & ATEM, Érica (Orgs.). **Alteridade: o outro como problema**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

SHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Vivian; PFAFF, Nicole. **Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação**. Teoria e prática. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2010, p.210-222.

WELLER, Vivian; PFAFF, Nicole. *Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação*. Teoria e prática. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2010.